Teoria e método: diálogos entre Pierre Bourdieu e Norbert Elias

ISABELA GARCIA GELFUSO*

Resumo:

O objetivo deste artigo é apresentar as principais contribuições do pensamento de Pierre Bourdieu e de Norbert Elias à teoria social e ao método sociológico no decorrer do século XX. Ao estabelecer uma aproximação entre os autores mencionados, pretende-se identificar alguns dos possíveis pontos de convergência entre suas teorias, dando ênfase, sobretudo, ao papel de centralidade atribuído à esfera da subjetividade em ambos os projetos teóricos.

Palavras-chave: Pierre Bourdieu; Norbert Elias; Teoria sociológica.

Theory and method: dialogues between Pierre Bourdieu and Norbert Elias

Abstract*:*

The purpose of this article is to introduce the main contributions of the thought of Pierre Bourdieu and Norbert Elias to social theory and sociological method throughout the 20th century. By establishing an approximation between the authors, it is intended to identify some of the possible points of convergence between their theories, especially in relation to the central role attributed to the sphere of subjectivity in both theoretical projects.

Key words*:* Pierre Bourdieu; Norbert Elias; Sociological theory.

* **ISABELA GARCIA GELFUSO** é mestranda em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UNESP/FCLAr. É bacharela e licenciada em Ciências Sociais pela mesma instituição.

Introdução

O objetivo deste artigo é identificar e expor algumas possíveis aproximações entre as teorias sociais formuladas por Pierre Bourdieu e Norbert Elias, bem como as convergências relativas aos métodos de pesquisa empregados por ambos os autores em suas trajetórias intelectuais. A questão da subjetividade, eleita como fio condutor para a elaboração deste trabalho, nos permite traçar um diálogo entre os dois projetos teóricos e visualizar de forma explícita suas semelhanças e divergências.

A escolha dos autores se deu pela conhecida proximidade de suas teorias, sobretudo em relação à recusa de uma concepção substancialista de sociedade e ao destaque atribuído à esfera do inconsciente que ambos os autores compartilham, bem como a vasta influência e relevância de suas teorias para a pesquisa sociológica contemporânea.

No que se refere à divisão do trabalho, primeiro serão apresentadas algumas das principais contribuições de Bourdieu para a teoria e a pesquisa sociológica, atribuindo ênfase ao conceito de habitus e à suas inovações metodológicas. Depois, será exposta a tese de Norbert Elias acerca do processo civilizador, atravessando a sua conceitualização de figuração. Por fim, algumas aproximações entre os dois projetos teóricos serão apontadas a fim de se traçar um diálogo entre os autores analisados.

Pierre Bourdieu, habitus e etnografia

Considerado um dos maiores sociólogos do século XX, Pierre Bourdieu carrega o legado de alguém cujas pesquisas revolucionaram o campo da sociologia na França. Ao apontar a existência do elo indissociável entre a teoria social e a pesquisa empírica, na qual uma não se sustenta sem que haja a atuação da outra, o pensador francês defende que a sociologia deve ser uma disciplina engajada, de resistência e luta contra as desigualdades e às dominações sociais. A sua herança teórica se manifesta na ampla utilização e difusão pela produção sociológica contemporânea de conceitos como habitus, campo, capital cultural e simbólico, entre outros. Na esfera metodológica, destaca-se também importantes contribuições de Bourdieu em relação à pesquisa etnográfica, aos estudos de trajetória e à análise do discurso.

Nascido na década de 1930 em Denguin, comuna interiorana localizada no sul da França, Bourdieu dedicou grande parte de sua vida profissional à pesquisa sociológica. Formou-se em filosofia na *École Normale Supérieure* em Paris e, durante o mesmo período, foi convocado a prestar serviços militares na guerra da Argélia, onde foi alocado para um cargo administrativo, que consistia no trabalho de leitura de cartas. O tempo em que habitou a Argélia constitui um ponto importante em sua trajetória intelectual pois marca o momento em que o pensador francês desliza da filosofia à ciência social, e passa a articular a pesquisa empírica feita em campo às suas reflexões teóricas. É através do contato com a população argelina, do contexto dramático da guerra e do intercâmbio entre as realidades de sua pequena comunidade na França imperialista e da Argélia colonial que Bourdieu passa a formular perguntas significativas que o acompanhariam em grande parte de seu empreendimento acadêmico. Como expressa Wacquant (2006, p. 14):

> Foi na dura prova da Argélia que a libido philosophica de Bourdieu foi inesperadamente desviada e irreversivelmente transformada na libido sociológica que iria alimentar sua permanente busca de uma ciência da prática e do poder simbólico. A vocação antropológica de Bourdieu cristalizou-se, e a sua aprendizagem

> sobre pesquisa empírica foi literalmente gerada "no campo", como a própria expressão indica. Ou seja, através da imersão continuada nas realidades diárias de uma sociedade aflita, apanhada nas convulsões do colonialismo decadente, das vagas do nacionalismo e do caos nascido da sua inevitável conflagração.

Além disso, é também nesse mesmo período que o seu trabalho etnográfico ganha contornos concretos e originais, desvencilhando-se da noção hegemônica em voga nos espaços acadêmicos de que a distância entre o observador e o observado é crucial para a pesquisa científica. A experiência pessoal de Bourdieu no campo o permitiu formular um novo modo de se realizar pesquisa sócio-antropológica, no qual a subjetividade do pesquisador compõe parte crucial do processo. Rompendo com o estruturalismo francês, entende as estruturas sociais como algo que se constitui continuamente através das práticas e ações sociais dos sujeitos nelas envolvidos. Assim, é possível apontar que, na perspectiva bourdieusiana, o agente não é um mero ente passivo frente à estrutura social, mas a constitui de forma relacional e ininterrupta. Existe, neste sentido, uma ênfase atribuída por Bourdieu ao sujeito e às subjetividades em relação ao que estava sendo produzido pela teoria sociológica de sua época. Esta superação da oposição entre as categorias de indivíduo e sociedade se manifesta em sua teoria através do conceito de habitus. Segundo a definição de Wacquant (2006, p. 17),

> O habitus é a categoria mediadora, transcendendo a fronteira entre o objetivo e o subjetivo, que permitiu a Bourdieu captar e descrever o agitado mundo duplo da Argélia colonial em desagregação. Nesse mundo conturbado, as estruturas sociais e mentais não só estavam funcionando mal umas em relação às outras, como formavam, elas próprias, uma mistura variada de tradição enraizada e de imposição colonial, com as estratégias dos autóctones predispostos a oscilar entre dois princípios antinômicos

A noção de habitus pode ser descrita enquanto um movimento de incorporação da sociedade no indivíduo e de devolução desses códigos sociais feita por esse mesmo indivíduo a partir de sua subjetividade. Essa devolução, que nunca se dá inalterada e da mesma maneira "crua" como incorporada inicialmente, evidencia o papel do sujeito no processo de manutenção ou de superação das desigualdades e dominações sociais. Designa "um sistema de disposições, modos de perceber, de sentir, de fazer, de pensar, que nos levam a agir de determinada forma em uma circunstância dada" (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 33). O conceito de habitus expõe a dupla gramática existente entre a história individual e a história coletiva, e consequentemente suas incongruências, paradoxos e contradições. O cenário que ilustra as estruturas sociais é, portanto, o de uma inter-relação entre dinâmicas do inconsciente e das escolhas racionais dos indivíduos.

Antiga na filosofia ocidental, a noção de habitus já estava presente nas reflexões de teóricos como Aristóteles, Kant, Durkheim e Heidegger. De acordo com a concepção clássica aristotélica, por exemplo, o habitus representaria o mundo incorporado e reproduzido pelo indivíduo. Bourdieu utiliza essa mesma concepção, mas adiciona a ela o caráter da mutabilidade. Ao observar os descompassos e as contradições presentes na sociedade francesa rural em relação às expectativas das mulheres (que estiveram em contato com a cultura parisiense) sobre os homens locais do campesinato, o sociólogo francês encontra no campo

empírico a manifestação do conceito de habitus. O mesmo ocorre ao analisar as contradições encontradas na realidade da população argelina que, frente às mudanças culturais impostas pelos colonos franceses, mantinha suas tradições e saberes culturais vivos em uma sociedade onde "já não tinham possibilidade de se comportarem como camponeses" (WACQUANT, 2006, p. 17). O habitus, como ressalta Wacquant (2006, p. 17),

> Permitiu a Bourdieu realçar como o sistema colonial vive nas e pelas disposições discordantes e expectativas confusas que introduz nos sujeitos. E, além disso, como o sistema colonial sobreviveria com o fim do domínio francês e com o estabelecimento de um estado argelino independente.

O conceito de habitus integra o ponto central das metodologias formuladas e exploradas por Bourdieu em seus trabalhos, como a etnografia multi-situada e a sócio-análise. Ambas consistem em formas de se produzir conhecimento científico através do pressuposto de que a sociedade possui um caráter relacional e flexível, na qual a subjetividade dos indivíduos possui papel de destaque.

Indo além da proposta da observação participante, amplamente utilizada pelas correntes antropológicas, Bourdieu propõe a adoção de uma objetivação participante, ou seja, uma forma de se realizar pesquisa empírica na qual o pesquisador olha para si mesmo enquanto parte do processo de estudo. A proposta defendida aqui é a de que ao se objetivar no ato da pesquisa, o observador consegue visualizar sua relação com o objeto a ser estudado e atribuir um sentido a ela. Seguindo a explicação de Bourdieu (2017, p. 77):

> A objetivação do participante compromete-se a explorar não a experiência vivida do sujeito consciente, mas as condições sociais de possibilidade - e, portanto, os efeitos e os limites - dessa experiência e, mais precisamente, do próprio ato de objetivação. Pretende objetivar a relação subjetiva com o objeto que, longe de conduzir a um subjetivismo relativista e mais ou menos anticientífico, é uma das condições da objetividade científica genuína.

Objetivar o pesquisador como parte do processo de investigação sociológica significa, em outros termos, comprometer-se com uma ideia de vigilância epistemológica (WACQUANT, 2006, p.22). Nesse sentido, a objetivação participante rompe com a ideia até então presente na academia de que o saber científico demanda a existência de uma distância entre o pesquisador e o seu objeto de estudo. Pelo contrário, ao incluir-se no processo de investigação, o pesquisador assume seu papel enquanto agente que influencia a pesquisa e que possui vínculos subjetivos com o próprio objeto analisado.

Norbert Elias e o processo civilizatório

De origem alemã, Norbert Elias nasceu em 1897 em uma família judia pertencente à classe média. Devido à perseguição nazista durante a Segunda Guerra Mundial, deslocou-se à Inglaterra, onde estabeleceu sua carreira intelectual e viveu até os últimos anos de sua vida. Considerado, assim como Bourdieu, um dos sociólogos mais influentes do século XX, sua obra versa primordialmente sobre temáticas referentes às relações entre os comportamentos individuais, as emoções, a sociedade e as dinâmicas de poder. A sociologia desenvolvida por Elias, descrita como sociologia configuracional, compreende a sociedade enquanto uma rede de interdependência, na qual os indivíduos estão sempre em relação uns com os outros em uma dinâmica de tensões e poder.

Em "O Processo Civilizador" (1993), obra considerada como uma das mais importantes de sua trajetória intelectual, Elias realiza um estudo minucioso sobre as mudanças dos costumes e comportamentos da sociedade ocidental ao longo da história. A partir de uma distinção entre as noções de natureza e cultura, demonstra a inter-relação entre essas duas instâncias e como a esfera da natureza é submetida às contingências sociais e moldadas culturalmente. Utilizando como metodologia de pesquisa a história comparativa, analisa os manuais de comportamento da Idade Média e chega à conclusão de que, ao longo do tempo, houve um movimento de monitoramento e regulação das funções corporais e dos instintos humanos naturais em direção à ideia de civilidade. Esse movimento, descrito por Elias como o processo civilizatório, é responsável pela alteração das configurações subjetivas dos indivíduos, moldando socialmente os comportamentos e as ações através de dispositivos de controle das pulsões.

Elias rejeita a ideia de que exista uma oposição entre indivíduo e sociedade, na qual cada uma destas instâncias seria independente e delimitadas uma da outra. Pelo contrário, sustenta a tese de que o indivíduo está inserido em uma complexa trama de poder e interdependência com a sociedade externa, que ora se estabelece de maneira harmoniosa, ora de maneira tensa e conflituosa. O processo civilizatório, portanto, não incide sobre o indivíduo de modo unilateral, mas é reproduzido pelos próprios indivíduos que são também agentes do processo. À essa trama de inter-relações entre os indivíduos e os grupos sociais, caracterizada por um equilíbrio de tensões, Elias define como "figuração" ou "configuração". Nas palavras utilizadas por Setton (2018, p. 10):

> A construção de um ferramental conceitual mais preciso lograva identificar formações societárias como um campo de forças ou um espaço de disputa e equilíbrio de poder. A essas formações societárias Elias deu a denominação de configurações ou figurações históricas — isto é, um ambiente de relações, espaço ou campo de interdependência de indivíduos e grupos sociais entre si.

Como demonstra o sociólogo alemão, uma das formas mais eficazes de se moldar as subjetividades individuais e gerar novas configurações mentais no processo civilizador é através do controle das emoções e das pulsões. A encarnação corpórea desses processos de subjetivação moldados socialmente é um tema amplamente explorado por Elias em suas reflexões sociológicas. Reações como o nojo, a vergonha e o constrangimento frente a situações cotidianas se manifestam aparentemente como respostas instintivas, porém, como demonstra o autor, são resultados de longos processos de socialização histórica transmitidos de modo geracional. Elias se refere a um contexto de "socialização das vísceras", na qual o corpo passa a responder aos códigos transmitidos pela aprendizagem socialmente construída.

Aproximando-se da perspectiva bourdieusiana, Elias cita o conceito de habitus enquanto uma forma de mediação entre a sociedade externa e a subjetividade individual. O autor define o "conceito de habitus como a autoimagem e a composição social dos indivíduos" (ELIAS, 1987 apud SETTON, 2018, p. 12). A conceitualização de habitus na obra de Elias expressa a indissociável relação entre o indivíduo e a sociedade, e como a tentativa de desacoplamento dessas duas esferas levam a cenários enganosos. Aponta Elias (1987, p. 123):

> Conceitos como “estrutura social de personalidade” ou “estágio e padrão de autoregulação individual” figuram entre os que podem ser úteis nesse ponto. Em particular, o conceito de composição ou habitus social, que introduzi anteriormente, tem papel fundamental nesse contexto. Em combinação com o conceito de individualização crescente ou decrescente, ele favorece nossas chances de escapar da abordagem “ou isto/ou aquilo” que amiúde se insinua nos debates sociológicos sobre a relação do indivíduo com a sociedade. Quando ele e o conceito muito similar de estrutura social de personalidade são compreendidos — e adequadamente aplicados —, é mais fácil entender por que o velho hábito de usar os termos “indivíduo” e “sociedade”, como se representassem dois objetos distintos, é enganador

Considerações finais

Ao longo deste trabalho, buscou-se expor algumas das principais contribuições conceituais das obras dos autores, e o modo pelo qual ambas se aproximam no que concerne às análises sobre a relação entre a sociedade e os processos de individualização. A questão da subjetividade pode ser destacada como um fator de aproximação entre ambos os autores analisados. Enquanto as teorias sociais mais influentes durante o século XX, como a durkheimiana e a weberiana, delimitavam uma cisão entre a esfera individual e a esfera da sociedade, sempre atribuindo ênfase à alguma delas para explicar os fenômenos sociais em curso, os raciocínios sociológicos de Bourdieu e Elias apontam para uma direção diferente. Ao partirem do pressuposto de que o indivíduo e a sociedade não constituem uma dualidade oposta, lançam luz para a questão do sujeito social enquanto agente e reprodutor das dominações e transformações sociais.

O conceito de habitus, articulado pelos dois autores, porém mais extensamente lapidado na obra bourdieusiana, evidencia a indissociabilidade dessas duas esferas e a subjetividade como objeto importante de atenção sociológica. O campo, definido na sociologia praxiológica de Bourdieu como a exteriorização do habitus e espaço constituído pela doxa, aproxima-se em certa instância do conceito de figuração na obra elisiana à medida que ambos revelam o caráter relacional entre a produção das personalidades e a estrutura social.

Formados inicialmente em filosofia, Bourdieu e Elias transitam para o campo da sociologia ao longo de suas trajetórias intelectuais, onde deixaram como herança uma vasta gama de ferramentas teórico-conceituais e novas formas de raciocínio sociológico. O processo civilizador enquanto categoria sociológica somado à sócio-análise bourdieusiana permite, por exemplo, novas possibilidades de se olhar para o campo das emoções como objeto da pesquisa empírica e da teoria social.

Referências

BOURDIEU, P. Objetificação participante. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 16, n. 48, p. 73-86, 2017.

ELIAS, N. **O processo civilizador**: formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

SETTON, M. G. J. Socialização de habitus: um diálogo entre Norbert Elias e Pierre Bourdieu. **Revista Brasileira de Educação**, v. 23, 2018.

THIRY-CHUERQUES, H. R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista de Administração Pública**, v. 40, n. 1, p. 27-53, 2006.

WACQUANT, L. Seguindo Pierre Bourdieu no campo. **Revista de Sociologia e Política**, n. 26, p. 13-29, jun. 2006.

Recebido em 2023-03-17
Publicado em 2023-10-20-